

‘Otraves’ o mesmo ‘faitico’: a proficiência ortográfica nos dígrafos <ei> e <ou> de crianças alentejanas e transmontanas do 2.º ano de escolaridade¹

CELESTE RODRIGUES | JÉSSICA GOMES

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Linguística
celesterodrigues@campus.ul.pt / jgomes4@campus.ul.pt

Resumo O presente artigo analisa o comportamento na escrita de crianças do 2.º ano de escolaridade de duas regiões dialetais em Portugal, Alentejo e Trás-os-Montes, com o intuito de perceber quais as interferências entre as características fonéticas dos ditongos <ei> e <ou> e a forma escrita das crianças. Os dados consistem em 202 textos espontaneamente produzidos que fazem parte do *corpus* EFFE-On das seguintes localidades: Elvas e Vila Nova de Santo André, no Alentejo, e Chaves e Bragança, em Trás-os-Montes. Os resultados confirmam a existência de relações complexas entre as diversas pronúncias dos ditongos nas duas regiões e a escrita das crianças, o que deve motivar os respetivos professores a apresentar explicitamente algumas das características da oralidade aquando da alfabetização. De um modo geral, os erros detetados são de natureza fonético-fonológica – como os anteriormente identificados e reportados por Rodrigues & Lourenço-Gomes (2016; 2017) na escrita de crianças de Lisboa e Porto.

1. INTRODUÇÃO

Devido à escassez de trabalhos desenvolvidos acerca do impacto que o dialeto da criança tem na aprendizagem da escrita e, por outro lado, à existência de dificuldade na aprendizagem da escrita convencional das estruturas complexas <ei> e <ou> (Adamoli, 2006; 2012; Rodrigues & Lourenço-Gomes, 2016; 2017), decidimos analisar o comportamento dos estudantes portugueses na escrita destes dois ditongos, uma vez que estes

¹ Este trabalho foi financiado ao abrigo do financiamento base do CLUL 2020: UIDB/00214/2020, Faculdade de Letras; Universidade de Lisboa.

apresentam variação linguística assinalável em português europeu (PE). Neste sentido, serão trabalhadas todas as produções escritas que envolvem as estruturas referidas nos textos das localidades de Elvas (E) e Vila Nova de Santo André (VNSA), no Alentejo, e Chaves (CH) e Bragança (B), em Trás-os-Montes. A título de exemplo, analisar-se-ão os ditongos <ei> e <ou> em palavras como: *cadeira, feito, escorreguei, feitiço, insufláveis, tesoura, pouco, chamou, roubou, outro, ouvir, roupão*. Assim, poderemos (i) identificar as formas não convencionais (FNCs), (ii) a sua respetiva frequência por localidade e região (entre outras particularidades) e (iii) levantar algumas questões relacionadas com o conhecimento fonológico revelado na escrita por estas crianças – o que poderá ter interesse para o desenvolvimento de futuros estudos linguísticos.

A análise da escrita infantil possibilita a deteção das estratégias a que as crianças recorrem para grafar as estruturas cuja grafia convencional ainda desconhecem. Por outras palavras, as primeiras produções escritas, em particular as produções desviantes das crianças, podem apontar para as características da língua que acarretam a existência de um maior afastamento da escrita relativamente à forma falada, por espelharem mais o conhecimento fonético-fonológico do estudante do que o seu conhecimento ortográfico. Essas estratégias de escrita das crianças, por vezes, estão relacionadas com a forma fonética que elas produzem e/ou com as formas fonéticas a que estão sujeitas na sua variedade linguística, como o têm demonstrado já diversos trabalhos (por exemplo, alguns dos que exploram materiais do *corpus* EFFE-On).

Torna-se, assim, pertinente identificar quais são as possíveis estratégias adotadas pelas crianças portuguesas ao escreverem os ditongos <ei> e <ou>, dado que estes assumem realizações fonéticas diferentes ao longo do território linguístico. Concretamente e segundo a literatura a que tivemos acesso², o ditongo <ei> admite, com maior ou menor frequência nas diversas regiões, realizações como [ej], [e], [ɛj], [ɛ], [aj] (além das formas mais abertas registadas no Sueste da Beira, por exemplo, por Brissos, 2012:497) e o ditongo <ou>, sobretudo, as formas [ow]~[o]~[ɔw] (embora também as formas palatalizadas, presentes em diferentes áreas do país e referidas por Brissos, 2012:493, por exemplo, que, no seu entender, são mais antigas na língua do que as formas monotongadas – Brissos, 2012: 496).

É sabido que os ditongos históricos <ei> e <ou> derivam de /aI/ e /aU/ do latim, devido a uma assimilação (vocálica) regressiva parcial que gera proximidade articulatória entre os elementos dos ditongos (Veloso, 2019). Essa proximidade articulatória parece-nos estar na origem da instabilidade e variabilidade da pronúncia dos ditongos, que se estende a outras estruturas onde estes surgem em português contemporâneo (nomeadamente, nos casos de pluralização de palavras terminadas em -l).

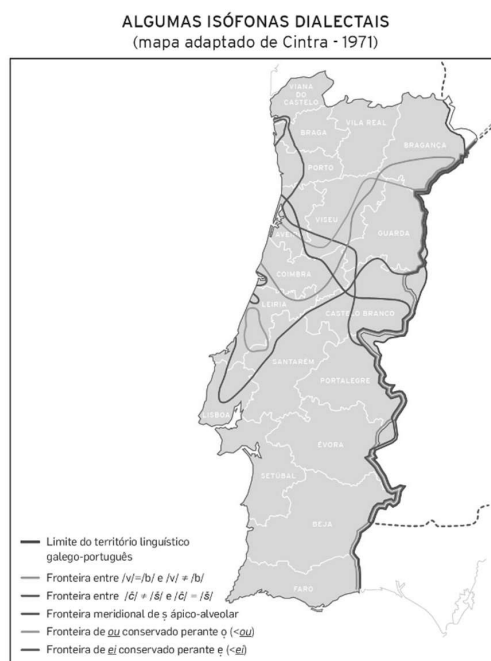
De acordo com Cintra (1958: 48) e Martins (1985), a monotongação do ditongo [ej] surgiu, pelo menos, na segunda metade do século XVIII, tendo origem no Sul do país

² Nomeadamente, Andrade (1981); Barros (1994); Barbosa (1983); Brissos (2012); Cintra (1971); Florêncio (2001); Segura (2013); Vasconcelos (1901); Veloso (2019).

(Teyssier, 1982). A centralização do ditongo [ej] segundo Viana (1883) deu-se no século XIX em Lisboa. Contudo, pouco mais tarde, Vasconcelos (1901) afirma que esta ocorre também em dialetos setentrionais (*apud* Barros, 1994: 11). Por sua vez, a monotongação do ditongo [ow] data do início no século XVII e terá atingido todo o Sul e grande parte da região Centro do país (Teyssier, 1982).

O ditongo <ei> é maioritariamente monotongado como [e] no Sul do país e em toda a área dialetal centro-meridional, com exceção da região de Lisboa. Resta saber até que ponto esta monotongação continua a estar presente na fala espontânea das crianças desta ampla região. Na capital do país, prevalece a forma centralizada do ditongo, [ɐj], embora esta conviva com a sua forma monotongada [ɐ] (e com [aj], quando seguido por consoante palatal). Em toda a faixa a litoral acima de Lisboa prevalece o ditongo sob a forma [ej] (Cintra, 1958; 1971), enquanto nas regiões do Interior Norte e Centro ocorre mais a forma centralizada do ditongo [ɐj] (ou, quem sabe, a monotongada [ɐ]), porventura mais frequentemente. Veja-se a distribuição do ditongo <ei> no mapa 1, mais adiante. A observação desse mapa permite ver que as duas localidades de Trás-os-Montes – B e CH – são de preservação do ditongo e que as duas localidades alentejanas – E e VNSA – fazem parte da área de monotongação.

No que se refere ao ditongo <ou>, a área de monotongação é mais extensa do que a do ditongo <ei>. Inclui além de todo o Sul, a capital e todo o Centro do país (cf. Mapa 1).



Mapa 1 – Isófonas dialetais de Portugal continental - Segura (2013: 91) adaptado de Cintra (1971)³

³ O Mapa 1 foi gentilmente cedido por Luísa Segura, a quem aproveitamos para agradecer a sua disponibilização.

De um ponto de vista fonológico podemos interrogar-nos acerca do número e da natureza dos elementos constitutivos dos dois ditongos na sua representação de base, tendo em atenção as diversas estruturas em que estes ocorrem e a variação a que estão sujeitos. No entanto, não é nosso objetivo aprofundar aqui essa questão.

Prevendo que nas regiões de monotongação as crianças produzam espontaneamente mais erros por grafarem o ditongo apenas com uma vogal gráfica e, por outro lado, mais erros sempre que haja centralização de [e] ou de [o] dos dois ditongos, iremos analisar as produções das duas regiões, acima indicadas, disponíveis no *corpus* EFFE-On (Rodrigues, Lourenço-Gomes, Alves, Janssen & Lourenço-Gomes, 2015) nos textos produzidos no 2.º ano de escolaridade⁴. Dessa forma, poderemos relacionar os seus dados com os já descritos por Rodrigues & Lourenço-Gomes (2016; 2017), referentes a crianças do 2º ano de Lisboa (L) e do Porto (P). Os dados descritos nos dois trabalhos revelaram taxas de acerto mais altas em P do que em L para ambos os ditongos e, como tal, mais produções desviantes na capital, como se pode verificar pelos esquemas abaixo:

- (1) Taxas de FNCs para o ditongo <ei> (fonte: Rodrigues & Lourenço-Gomes, 2017):



- (2) Taxas de FNCs para o ditongo <ou> (fonte: Rodrigues & Lourenço-Gomes, 2017):



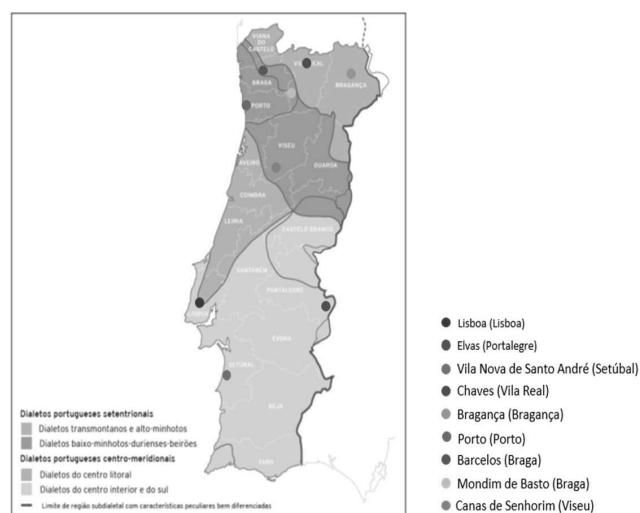
⁴ Sublinhamos que o trabalho incide sobre os dados disponíveis nos textos. Assim, por exemplo, a conjunção “ou” não ocorre nos textos estudados do 2.º ano de escolaridade, como tal, não é analisada.

A tabela seguinte descreve a amostra utilizada para o nosso estudo.

Localidades	Nº de crianças por sexo		Nº de textos
	Feminino	Masculino	
B	26	15	59
CH	25	19	71
E	15	21	56
VNSA	NR	NR	16
Total			202

Tabela 1 - Número de crianças por sexo e número de textos por cidade (B, CH, E, VNSA)

Tal como já foi referido, o nosso estudo contempla 202 textos do 2.º ano de escolaridade, distribuídos como indicado na Tabela 1, acima. O Mapa 2 apresenta os pontos de recolha de dados de escrita de crianças do *corpus* EFFE-On (até ao momento) dispostos no mapa da subdivisão dialetal proposta por Cintra (1971), para facilitar a compreensão do material já disponível para estudo.



Mapa 2 - Adaptação do mapa dialetal de Segura (2013: 95)⁵, com a localização aproximada dos pontos de recolha do *corpus* EFFE-On

⁵ Disponibilizado gentilmente por Luísa Segura.

2. O DITONGO <EI>

O ditongo <ei>, como se pode observar no Gráfico 1, apresenta taxas de acerto altas nas duas regiões consideradas: acima de 80% em Trás-os-Montes e um pouco mais baixas no Alentejo.

Os tipos de FNCs encontrados são semelhantes nas duas regiões, mas a proporção de cada tipo de forma desviante é divergente. Com efeito, no Alentejo regista-se 23,6% de FNCs nas quais sobressaem 10% com <*ai> e 10% com <*e>/<*é>, ao passo que em Trás-os-Montes se encontram <*ai> com 5,4% e <*i> com 2,2%.

Exemplificando os erros mais frequentes das duas regiões, temos para o Alentejo a forma <*ai> *dinlhairo* (dinheiro), *bricai* (brinquei), *ençofelavais* (insufláveis) e, entre outras, as formas <*e> e <*é> *fetiso* (feitiço) *trenar* (treinar), *quéjo* (queijo), *pones* (póneis) e para Trás-os-Montes <*ai> *paichenho* (peixinho), *caijo* (queijo) e <*i> *Fitiso* (feitiço), *Manguira* (mangueira).

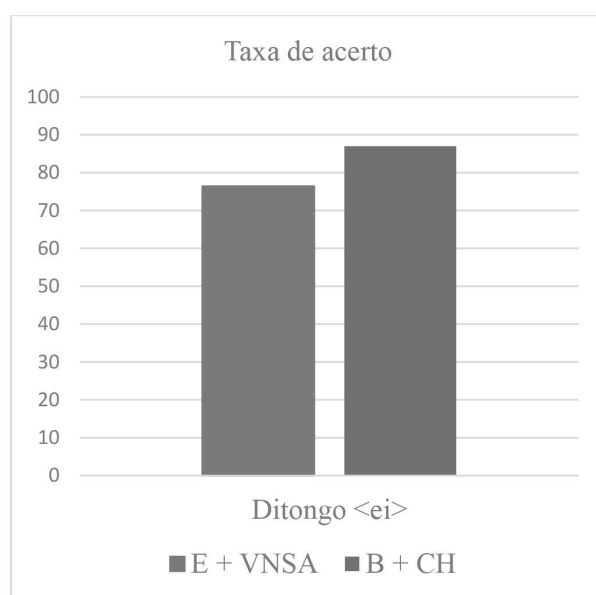


Gráfico 1 – Taxas de acerto na escrita do ditongo <ei> nos dois dialetos observados

Analisando os presentes resultados em conjunto com os de Rodrigues & Lourenço-Gomes (2017), observa-se a seguinte ordem decrescente de percentagem de FNCs: L: 28,3% de FNCs > E+VNSA: 23,6% > B+CH: 13% de FNCs > P: 7,4% de FNCs. Ou seja, as crianças de L e do Alentejo – dos dialetos centro-meridionais – apresentam taxas de FNCs substancialmente mais altas do que as das outras regiões observadas. Contudo, contrariamente ao que se poderia esperar na região de monotongação (E+VNSA), não se verificou uma taxa de FNCs mais alta do que a registada em L. Entre as causas possíveis para esta situação encontram-se eventualmente:

(i) o impacto do dialeto na aprendizagem da escrita, (ii) o impacto das estratégias de ensino - chamada de atenção para a forma monotongada da oralidade no Alentejo? e (iii) o impacto do diferente número de textos observados (< em E+VNSA).

Feita a distribuição das FNCs em função da categoria morfossintática e da acentuação da sílaba com ditongo, observou-se que no Alentejo a percentagem de FNCs é mais alta nas sílabas átonas, sobretudo nos nomes (embora também surja nos verbos). No caso das crianças transmontananas, pelo contrário, verificou-se que são as sílabas acentuadas, tanto de nomes como de verbos, que apresentam os valores mais altos de percentagem de FNCs. Registam-se resultados percentuais idênticos em sílaba acentuada nas duas regiões comparadas.

A escrita de <ei> obtém, assim, mais sucesso no Norte do que no Centro-Sul. A realização [ej] parece atrasar a estabilização da grafia <ei>, em L e também no Alentejo (10% FNCs <*ai>). A realização fonética [e] condiciona a estabilização da grafia <ei> no Alentejo, mas não tanto como se poderia supor, o que se pode dever ao trabalho específico dos professores com esta estrutura. Relativamente à região de L, ainda que haja monotongação deste ditongo como [ej], a forma não convencional (FNC) <*a> não apresenta uma percentagem relevante nem em L nem nas restantes localidades.

Por outro lado, a manutenção de [ej] no P (anteriormente referida) e, possivelmente, em Trás-os-Montes favorece o desempenho relativo a <ei>, apesar de a FNC <*ai> ser a mais frequente registada em Trás-os-Montes (5.4%). Esta FNC em B e em CH mostra que a variante centralizada do ditongo é mais importante nessa região do que no P, onde <*ai> não surge (<*e> é a FNC mais frequente no P, 4.1%, embora menos frequente do que no Alentejo, 10%).

Confirma-se, portanto, a possível interferência das variedades faladas na frequência de FNCs do ditongo <ei>, entre outros fatores.

3. O DITONGO <OU>

O ditongo <ou> apresenta taxas de acerto igualmente elevadas, atingindo cerca de 90% em Trás-os-Montes e um pouco abaixo dos 80% no Alentejo. Na verdade, no caso do ditongo <ou> verifica-se uma taxa de FNCs de 22,6% no Alentejo e de 9,7% em Trás-os-Montes, sendo que 19% das FNCs do Alentejo correspondem a <*o> ou <*ó> e as de Trás-os-Montes incluem 5% de <au> e 2,5% de <*o>. Exemplificando as FNCs mais frequentes do Alentejo, temos <*o> *ropinha* (roupinha), *onho* (olhou), *fonsiono* (funcionou), *desmailhos* (desmaiou), <*ó> *vó* (vou) e, ilustrando as de Trás-os-Montes, temos <*au> *chegau* (chegou), *autra* (outra) e <*o> *tafono* (transformou).

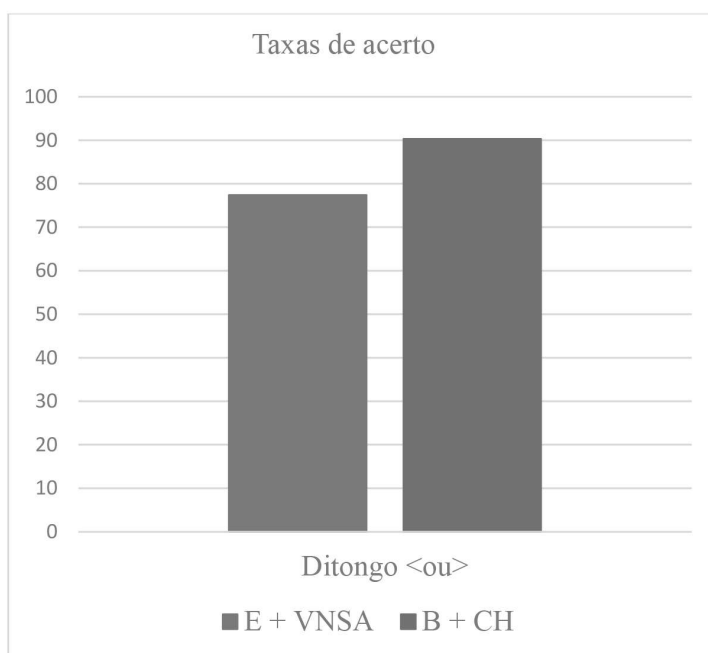


Gráfico 2 - Taxas de acerto na escrita do ditongo <ou> nos dois dialetos observados

Comparando com os dados de L e P (Rodrigues & Lourenço-Gomes, 2017), a ordem decrescente de percentagem de FNCs é a seguinte: L: 35,2% de FNCs > E+VNSA: 22,6% de FNCs > P: 10,8% de FNCs < B+CH: 9,7% de FNCs.

Uma vez mais, a frequência de FNCs dos dialetos centro-meridionais aparenta relacionar-se com a monotongação do ditongo <ou>. Desse modo, a maior opacidade na relação fonema-grafema condiciona o êxito na escrita destas crianças.

No que respeita à distribuição das FNCs por categoria morfossintática e acento da sílaba com ditongo, no Alentejo verificou-se uma percentagem mais alta de FNCs em sílabas acentuadas vs. não-acentuadas e, sobretudo, nas palavras funcionais (mais do que nos verbos). Contrariamente, em Trás-os-Montes observou-se uma percentagem de FNCs muito mais baixa do que no Alentejo, sobretudo em palavras funcionais.

As FNCs observadas em E e VNSA – maioritariamente <*o>/<ó> (19%) – estão, certamente, relacionadas com a existência de monotongação nesta região dialetal.

Relativamente aos dialetos setentrionais, B e CH distinguem-se nos tipos de FNCs. As FNCs que remetem para a pronúncia [ɐw] surgem exclusivamente em B, sobretudo <*au>, <*ão>, <*ao>. Em CH surge <*o>, ainda menos vezes do que em B (e que em E+VNSA). A omissão do 2.º elemento vocálico do ditongo (2.5% das FNCs) em Trás-os-Montes não deve ter correspondência com a oralidade das crianças – a verificar nos dados orais do *corpus*.

Para os dialetos setentrionais, a grande maioria das FNCs surge em formas verbais (sobretudo em posição acentuada, no final de palavra). As outras categorias de palavras ocorrem poucas vezes e com poucas FNCs.

4. CONCLUSÃO

A taxa de sucesso na escrita dos dois ditongos destas crianças foi sempre inferior nos dialetos meridionais: Dialetos meridionais < Dialetos setentrionais.

No caso do ditongo <ei>, a FNC <*ai> é mais frequente em B+CH (5.4%) e uma das mais frequentes em E+VNSA (10%), a par de <*e>/<*é>. Existe, pois, uma relação entre a frequência das FNCs relacionadas com a variante fonética [ej] em B e CH. O que acontecerá em E e VNSA? Haverá nessas regiões uma influência do dialeto padrão (ou outros), além da monotongação?

No que diz respeito ao ditongo <ou>, as FNCs <*o>/<*ó> são as mais frequentes em E+VNSA (19%), o que nos leva a supor uma relação com a pronúncia [o]. Já a FNC <*au> é a mais frequente em B+CH (5%), o que sugere uma relação com [əw].

Os resultados obtidos refletem diversos tipos de complexidade envolvidos na escrita dos ditongos em PE, que sugerem, em todos os casos, a necessidade de incremento de apresentação às crianças das características da oralidade: a) a complexidade ortográfica inerente aos ditongos (e aos dígrafos, em geral) para crianças no 2.º ano de escolaridade – duas vogais seguidas; b) a complexidade estrutural (fonológica) dos ditongos – VV, V+V, VG, VC, V ainda mal dominada por algumas crianças; c) a existência de variação fonética na comunidade evolvente; d) a diferente complexidade da relação grafema-fonema nas diversas variedades linguísticas; e) as diversas abordagens dos docentes à oralidade e à apresentação da grafia dos ditongos.

REFERÊNCIAS

Adamoli, M. A. (2006). *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia* (Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Pelotas).

Adamoli, M. A. (2012). Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais.

Andrade, E. d' (1981). Uma mudança fonética, In *Temas de Fonologia*, Lisboa: Edições Colibri, p. 31-38.

Barbosa, M. (1983). *Etudes de Phonologie Portugaise*, Universidade de Évora (2ª ed.).

Barros, R. (1994). *Contributo para uma análise sociolinguística do português de Lisboa: variantes de /e/ e /ɛ/ em contexto pré-palatal*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Brissos, F. (2012). *Linguagem do Sueste da Beira no tempo e no espaço*, Lisboa: CLUL.

Cintra, L. F. L. (1958). Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. In Cintra, LL. (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, p. 35-54.

Cintra, L. F. (1971). *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. Estudos de dialectologia. Lisboa: Sá da Costa. 1983.

Florêncio, M., 2001. *O Dialecto alentejano contributos para o seu estudo*, Lisboa: Edições Colibri.

Marquilhas, R. (2000). *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no séc. XVII*, Lisboa.

Martins, A. M. (1985). *Elementos para um comentário linguístico do Testamento de Afonso II (1214)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, não publicada.

Martins, A. M. (1999). “Ainda ‘os mais antigos textos escritos em português’: documentos de 1175 a 1252”, *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, 491-534.

Martins, A. M. (2001a). *Documentos portugueses do Noroeste e da região de Lisboa. Da produção primitiva ao século XVI*, Lisboa.

Martins, A. M. (2001b). “Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis”, *Caminhos do Português*, Lisboa, 23-71.

Rodrigues, C.; Lourenço-Gomes, M. C.; Alves, I.; Janssen, M.; Lourenço-Gomes, I. (2015). EFFE-On - Escreves como falas - Falas como escreves?, Lisboa: CLUL. ISLRN: 716-103-425-482-9. <http://teitok.clul.ul.pt/effe>

Rodrigues, C.; Lourenço-Gomes, M. C. (2016). Estudo longitudinal da proficiência ortográfica no 2º e 4º anos de escolaridade - estruturas /e/, /eI/ e /oU/. *Revista Diacrítica (Série Ciências Da Linguagem)*, 30.1, 115-36.

Rodrigues, C.; Lourenço-Gomes, M. C. (2017). Aprender com o erro, ensinar sem erro. Comunicação apresentada no 3.º Encontro A Linguística na Formação do Professor, 7-8 de setembro de 2017. Universidade do Porto.

Segura, L. (2013). Variedades dialetais do português europeu. In: Raposo, E.; Nascimento, M. F. B. do; Mota, M. A.; Segura, L.; Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v. I. p. 85-142.

Teyssier, P. (1982). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

Vasconcelos, L. (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

Viana, G. A. (1883). Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue Portugaise d'après le dialecte Actuel de Lisbonne. In: Romania, tome 12 n°45, 1883. pp. 29-98.

Veloso, J. (2019). Assimilação vocálica, coloração e coalescência em sequências V1V2 na diacronia e na sincronia do português: uma proposta descritiva baseada na fonologia dos elementos. In Carrilho, E., Martins, A. M., Pereira, S., & Silvestre, J. P. (2019). *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, p. 1515-1540.